

DEZ ANOS DE MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA NA UFSC

Celestino Sachet *

Desde o último trimestre de 1971, aos dias que hoje correm, neste ano da graça de 1981, dez anos se escoaram pelas salas do Curso de Pós-Graduação em Letras, opção Literatura Brasileira, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Das onze turmas que se alistaram na matrícula inicial e dos 106 alunos que se inscreveram, 32 alcançam o título, até o final deste primeiro semestre, ao se apresentarem para defender e para ver aprovada sua Dissertação de Mestrado.

Muito? Pouco? Bom? Ruim?

Num esforço que pretende divulgar o nome e o trabalho daqueles que se dedicaram ao estudo, à pesquisa e à análise crítica de nossas Letras, apresenta-se, a seguir, um rápido enfoque de todas as dissertações levadas à defesa pública. A finalidade é, tão-somente, aquela de prestar uma informação (e despertar possíveis interessados) para que tantas e tantas horas de paciência, suor e criatividade não fiquem empacotados nas prateleiras negras, nem sempre (quase nunca) visitadas, ali na Biblioteca Central.

I — LITERATURA BRASILEIRA

1.1 — A PROSA

1.1.1 — Joaquim Manuel de Macedo

— *“O moço loiro”*: narrativa e personagens. Olivo Pedron, 84 p.

O professor da Fundação de Ensino da Região de Blumenau, (FURB), com sua pesquisa, pretende realizar uma análise de dois aspectos fundamentais da estrutura do romance de Joaquim Manuel de Macedo: a duplicidade amorosa e detetivesca das intrigas e o sincretismo dos personagens, comprovando a partir da relação de disjunção e de conjunção.

O trabalho abre com um levantamento do conteúdo histórico do tempo em que se desenrola o romance e da repercussão, no campo da crítica, da existência do livro, até os dias de hoje.

Na segunda parte, valendo-se das teorias de Pouillon de Lubbock, de Todorov, de Greimas e de Hammon, o Autor procura definir o método de análise que será adotado para demonstrar a hipótese estabelecida. Na terceira e quarta partes, fica comprovado que a narrativa do escritor romântico apresenta as duas intrigas e que a estrutura da diegese dos fatos repousa sobre a disjunção de papéis, “o que faz com que um mesmo ator se desdobre em vários sub-atores” (p. 35). A conclusão atesta que esse procedimento não é comum a nenhum dos outros romances de Machado.

A dissertação foi defendida no dia 22 de agosto de 1978, perante a banca: Rosa Alice Caubet, orientadora, Celestino Sachet e Edda Arzúa Ferreira.

1.1.2 — Aluizio Azevedo

— *Aspectos psicológicos da personagem Magdá na obra "O homem", de Aluizio Azevedo*. Natália Lobor Cancelier, 103 p.

Dando como sub-título “A histeria como tema no romance naturalista”, a Autora abre a pesquisa com algumas reflexões filosófico-científicas sobre o Naturalismo a fim de estabelecer uma conexão entre o comportamento dos personagens de uma obra literária e os fatores que desencadeiam esse comportamento, segundo o que foi realizado por Flaubert, Zola, Eça e o próprio autor em análise.

Na segunda parte, a dissertação aborda a psicopatologia da personagem Magdá e a linguagem utilizada por Aluizio Azevedo para “destacar os termos científicos e os vocábulos que alardeiam a interpretação de um homem-animal, nos pontos em que se faz necessária a justificativa do processo da Evolução, divulgado por Darwin” (p. 35). Numa perspectiva mais ampla, o trabalho envereda, igualmente, pelos caminhos e pelas estruturas do romance *O homem* para comprovar que se trata de um “exemplo brasileiro de romance experimental”. E para deixar claro que “Aluizio Azevedo realiza, naquela obra, aquilo que Émile Zola experimentou, com primazia, na literatura francesa, atendo-se aos moldes científicos do século XIX” (p. 106).

A dissertação foi defendida no dia 29 de novembro de 1976, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Ecy Lima Barreto e Elvira Sponholz.

1.1.3 — Hugo de Carvalho Ramos

— *Atualização das Formas Simples, em "Tropas e boiadas"*. David Gonçalves, 171 p.

Para o Autor, as Formas Simples, uma fala cristalizada e de caráter coletivo, com resíduos de criações primitivas que sobrevivem na memória popular, nascem do Coração do Todo. A linguagem dessas formas tem a propriedade específica de “querer dizer e significar”, envolvendo a disposição mental e o gesto verbal. “Trata-se de uma fala onde a multiplicidade e a diversidade do ser e dos acontecimentos se cristalizam numa configuração lingüística”.

Os formalistas russos (Tinianov, Propp e Jakobson) junto com Lévi-Strauss, Roland Barthes, Todorov e André Joles (principalmente este) oferecem o suporte teórico para a pesquisa do livro de Hugo de Carvalho Ramos.

Considerando as Formas Simples como um segundo nível da linguagem (entre a linguagem comum e a literatura), David Gonçalves percorre *Tropas e boiadas* para, de lá, nos arrancar os cantos e as danças, os causos como narrativa fantástica, os provérbios e os ditados, as lendas e as lendas, a superstição e o mito.

A pesquisa conclui que “apresentando as *tropas* e as *Boiadas* como expressão documental de uma realidade sócio-política do Estado de Goiás, onde a intenção deliberada de colocar à mostra os velhos hábitos de exploração social do trabalho do campo, nas fazendas e na antiga profissão de tropeiro está presente em toda parte, Hugo de Carvalho Ramos aborda, “além do aproveitamento pragmático do material sociológico, um dos temas mais profundos do ser humano: a liberdade” (p. 167).

A dissertação foi defendida no dia 22 de janeiro de 1977, perante a banca: Gilberto Mendonça Teles (PUC-Rio), orientador, Vicente Ataíde e Élvira Sponholz.

1.1.4 — Jorge Amado

— *O mundo dividido de Jorge Amado. Vitório Dela Bruna, 232 p.*

Depois de uma paciente e rigorosa leitura de 20 livros de Jorge Amado, desde *O país do carnaval* até *Teresa Batista, cansada de guerra* e depois de ter levantado — e estudado — 3.140 personagens saídos da farta cabeça do baiano inesgotável, o Autor considera que é “simplesmente impossível tratar de todo este universo humano”. Por isso, a dissertação vai se ater aos personagens criados até o tempo de *Gabriela, cravo e canela*.

Nos pressupostos teóricos, a pesquisa procura conceituar, “a personagem, esse ente reproduzido ou inventado”, começando pela *Poética*, de Aristóteles, para alcançar os autores modernos, neles incluídos o próprio Orientador. Estabelecidos os critérios da conceituação, é a vez de viajar pela rápida biografia-crítica de JA e se ater no desvelamento de uma tipologia romanesca dos personagens, capazes de encher muitas de nossas pequenas cidades do interior.

No levantamento dos tipos de personagens e da visão do autor, Vitório Dela Bruna desvenda o mundo dos coronéis, dos alugados, dos capatazes, dos capangas, dos vagabundos, dos operários, dos líderes, dos militantes, dos padres, dos pais-de-santo, dos beatos, dos cangaceiros, dos políticos, dos policiais, dos capitalistas, das mulheres de todos os tipos.

Na longa conclusão de sua pesquisa, o Autor, através de gráficos, estabelece que “nas obras de JA, o que condiciona o ser humano e a intriga, é a busca de uma conciliação da interioridade com o mundo-problema, avesso ao primitivismo, ao espontâneo e ao natural. Essa libertação se opera através de combates difíceis. Há sempre um clima de injustiça do mais forte contra o mais fraco: do coronel, contra o alugado; do capataz, contra o trabalhador; do patrão, contra o operário; do rico, contra o pobre; da polícia contra o líder militante; dos instintos contra os sentimentos de honra; da astúcia, contra a ignorância. E é nisto que reside o mundo dividido de Jorge Amado.

A dissertação foi defendida no dia 31 de maio de 1976, perante a banca: Vicente Ataíde, orientador, Gilberto Mendonça Teles (PUC-Rio) e Domicio Proença Filho (UFF).

— *Assimilação estética do social em “Terras do Sem-Fim”*.
Rosaura Gil Marques, 119 p.

Nesta segunda dissertação que estuda a obra de Jorge Amado, a professora da UFSC busca mostrar a relação existente entre Literatura e Sociedade nas Terras do Sem-Fim, tudo em “uma perfeita unidade entre forma e conteúdo” (p. VII).

A pesquisa abre com uma revisão bibliográfica sobre a extensa e variada obra do escritor baiano, desde *O país do carnaval*, (1931) até *Farda, fardão, camisola de dormir*, (1979) detendo-se, em especial, com o romance em estudo.

Para a fundamentação teórica da pesquisa a Autora vale-se dos mais diversos conceitos de Arte desde Lukács, Marx, Jdanov, F. Antal, Upton Sinclair, Goldmann, Benedetto Croce, Francastel, Sanchez Vázquez até chegar aos brasileiros, entre eles, Antônio Cândido, tudo para estabelecer as técnicas de JA para des-velar um mundo de personagens reificados e alienados, minimizados de suas qualidades e de suas potencialidades como seres humanos (p.31).

Na aplicação dos pressupostos teóricos, a dissertação apóia-se em dois pontos básicos: as relações homem versus homem e homem versus terra, relações que levam, “infalivelmente, ao processo de reificação e da alienação humanas” (p.48), investigados e interpretados, os dois pontos, nos níveis da história e do discurso.

O trabalho conclui que “Terras do Sem-Fim” é, indiscutivelmente, um documento histórico do passado das terras baianas do cacau”. E que Jorge Amado, apresenta, em seu romance, “a partir de um mundo seu, um nexo entre passado e presente, ambos degradados” (p. 116).

A dissertação foi defendida no dia 26 de março de 1981, perante a banca: Edda Arzúa Ferreira, orientadora, Isolde de Sousa e Zahidé Lupinacci Muzart.

1.1.5 — José Lins do Rego

— *A construção do espaço em "Fogo morto"*. Alonso Marques da Silva, 132 p.

Nos pressupostos teóricos para a pesquisa, o Autor realiza uma tentativa de conceituação de Espaço e Tempo (e suas vinculações com o Espaço Literário e a Descrição), de Espaço e Personagem, das Formas e do Sentido do Espaço Literário, para concluir, nessa parte, que “os diferentes locais que servem de ambiente em tantas narrativas (da Literatura Brasileira), quer sejam abertos, fechados, sobrenaturais, míticos, urbanos, campestres ou marítimos, devem se adaptar à intenção do autor” (p. 36).

Para a aplicação em *Fogo morto*”, a dissertação passa pela Realidade Refletida, pelos Espaços Abertos e pela Ambientação, desejando, com isto, provar que José Lins do Rego, em seu romance “manipula os elementos espaciais, como o sol, a lua, o vento, os pássaros, o som do martelo, o cabriolé, procurando sempre atribuir-lhes uma função indicadora” (p. 101).

A dissertação foi defendida no dia 18 de julho de 1980, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Maria Marta Furlanetto e Tânia Regina de Oliveira Ramos.

1.1.6 — Érico Veríssimo

— *A expressão estética da visão sócio-política em "Incidente em Antares"*. Oswaldo Antônio Furlan, 147 p.

Dividida em cinco capítulos, a dissertação, à época, mostrou-se bastante corajosa ao enfocar temas políticos numa situação política um tanto atípica.

A primeira parte do trabalho busca uma conceituação de Arte Literária, de Crítica e de Contexto Sócio-Político. Estabelecidos os pressupostos teóricos com que vai ser medido o trabalho de Érico Veríssimo, é a vez, agora, de localizar-lhe o romance dentro da visão do mundo de um humanista e de um liberal. Nos três últimos capítulos, o Autor analisa o romance de Érico Veríssimo a nível da linguagem, a nível da narrativa e a nível das ações (nível actancial e nível temático).

A pesquisa comprova que com *Incidente em Antares* "Érico Veríssimo manipulou, de modo consciente e hábil, uma série de recursos literários para fazer aparecer como profundamente insensata a prática da opressão, da violência, da tirania e da injustiça humana" (p. 138).

A dissertação, publicada em livro, na coleção "Ensaaios Catarinenses", foi defendida no dia 30 de setembro de 1976, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Guilhermino César (UFRGS) e José Curi.

1.1.7 — Guimarães Rosa

— *O sertão e o neutro na cosmovisão de Riobaldo*. Tiseko Yamaguchi, 87 p.

A professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (Paraná) foi buscar no *Grande sertão: veredas* um instrumento de trabalho pouco manejado pelos críticos brasileiros: a interpretação metafísica do comportamento dos personagens centrais de Guimarães Rosa.

Para a pesquisa, percebe-se, na condução do enredo do romance, a existência de dois planos de ação intimamente relacionados, dizendo respeito: um, à objetividade das ações, série de episódios concatenados; outro, ao subjetivo das indagações do narrador com respeito à Vida e aos grandes temas do Destino Humano. Nessa interpretação, chega-se a uma formulação que, basicamente, pode ser assim resumida:

a — o Neutro, na concepção encontrada em obras esotéricas, como princípio e fim da humanidade;

b — a Vida, ou o mundo da dualidade, como "travessia" rumo ao infinito, através da coragem;

c — a percepção do narrador quanto à sua atual condição de ignorância, extensiva ao universo humano da narrativa de todo o livro.

Na parte central do trabalho, a Autora estuda a trajetória vivencial e reflexiva de Riobaldo começando pelos antecedentes do Pacto e situação do Pactário e passa pela

dualidade de Diadorim para atingir o Homem no seu confronto Deus e Diabo. Na conclusão, é ressaltado o fato de que “nos componentes estruturais da narrativa, Deus se constitui o princípio e o fim do homem” (p. 72).

A dissertação foi defendida no dia 24 de abril de 1978, perante a banca: Vicente Ataíde (Universidade Católica do Paraná), orientador, José Carlos Garbuglio (USP) e Celestino Sachet.

— *A dimensão mítico-sacral em “Dão-Lalalão” (o devente)*

Odília Carreirão Ortiga, 139 p.

Segundo a própria Autora, na busca do mítico-sacral nessa narrativa de Guimarães Rosa, em *Noites do Sertão*, o trabalho pretende realizar uma análise de cunho interpretativo sob os três aspectos: o estrutural, o temático e o retórico-estilístico. Para tanto, a novela foi desmontada em dez itens: as funções do espaço; a sacralidade mítica do espaço; a simbologia mítica do “centro”; a água: sua ambivalência mítica; o ar: sons, aromas e tons; a fauna: terrestre e alada; a flora; os números; o ritual de passagem; os rituais e as imagens hierofânicas. E, dentro do procedimento comparativo, “procurou-se estabelecer as semelhanças entre o “corpus” e a narrativa bíblica em geral, e, em especial, com a narrativa do Apocalipse”.

Com base teórica fornecida por Eliade, Cassirer, Gusdorf, Caillois, Benoit e Mauss, a Autora organiza uma conceituação do mito, do sagrado e do rito, para assinalar-lhes a presença, ainda que diluída, no decorrer de toda a novela. Na conclusão final, fica estabelecido que a linguagem da narrativa de Guimarães Rosa acusa “a persistência do pensamento mítico-poético que se exterioriza, no plano da expressão, em processos meta-fóricos até atingir procedimentos de maior amplitude onde a narrativa se configura numa grande metáfora da vida” (p. 130).

A dissertação foi defendida no dia 30 de setembro de 1979, perante a banca: Celestino Sachet (orientador), Doloris Ruth Simões de Almeida e Anamaria Beck.

1.1.8 — Adonias Filho

— *As visões do narrador em “O forte”, de Adonias Filho e a trajetória de uma cosmovisão*. Lauro Junkes, 203 p.

Essa primeira dissertação defendida no Curso de Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira de nossa Universidade, enveredou pelos complicados caminhos da Teoria da Literatura, e neles, o difícil ângulo do Ponto de Vista e das Visões do Narrador.

Organizados os pressupostos teóricos, o Autor mergulha para dentro do livro de Adonias Filho para analisar as visões do narrador na trama romanesca dividida em três partes: a primeira, com sete segmentos; a segunda, com doze e a terceira, “sem diferenciação ou alternância de narrador, visão ou tempo, como nas divisões anteriores”.

Na última parte de seu trabalho, Lauro Junkes estuda “o caminho evolutivo da cosmovisão de Adonias Filho, “desde sua estréia, com os *Servos da morte*, através de *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*, até chegar ao romance em pauta, *O forte*”. Entre os

quatro romances. o Autor percebe um relacionamento capaz de indicar "a evolução progressiva de uma cosmovisão" (p. 130) baseada numa ambivalência em que predomina o elemento negativo — vingança, morte, bruxaria —, embora as intenções sejam boas. Fica evidenciado, ainda, um mundo de caos que vai aos poucos se transformando num mundo novo, resultado de sacrifícios, de imolações do mundo primitivo e da dor de muitos.

Em apêndice ao trabalho, o Autor faz uma análise sumária das visões do narrador em *Os servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*.

A dissertação foi defendida no dia 1º de abril de 1976, perante a banca: Doloris Ruth Simões de Almeida, orientadora, Rosa Alice Caubet e Celestino Sachet.

1.1.9 — Autran Dourado

— *A dimensão barroca de "Os sinos da agonia"*. Dilberto Antônio Vieira da Cunha, 234 p.

O volumoso trabalho do professor da UFSC abre-se com uma pesquisa sobre o Barroco (surgimento, constantes históricas e caracterização). A aplicação no livro de Autran Dourado, é feita através de estudos vinculados à temática da morte, da religiosidade, do carpe diem, do erotismo, da "ostentatio", do feísmo, da solidão e da catarse tanto ao nível da narrativa quanto ao nível das personagens. Na última parte, há um extenso perquirir sobre o estilo e a linguagem de *Os sinos da agonia* através das figuras literárias e dos artifícios de linguagem de que se vale o autor mineiro.

A conclusão-base da pesquisa, é a de que Autran Dourado, neste seu romance, "explora de modo consciente e hábil um contingente de recursos técnicos, estilísticos e temáticos com objetivos de conferir à obra uma dimensão barroca" (p. 213) em todos os ângulos, tanto da narrativa quanto da própria narração.

A dissertação foi defendida no dia 11 de janeiro de 1979, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Fioravante Ferro e José Curi.

1.1.10 — José J. Veiga

— *O mítico em José J. Veiga*. José Fernandes, 106 p.

O professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul mergulhou nos cinco livros de José J. Veiga (*Os cavalinhos de platiplanto*, *A hora dos ruminantes*, *A máquina extraviada*, *Sombra dos reis barbudos* e *Os pecados da tribo*), para, de lá, nos trazer a estrutura da narrativa mítica do escritor goiano.

Depois de enveredar pelos caminhos da conceituação de *Mito*, valendo-se das teorias de Mircea Eliade, Georges Gusdorf, Paul Ricoeur, Mikel Dufrenne, Cassirer, Max Muller, James Frazer, Tylor, Durkheim, Yung, Saussure (com sua posição estruturalista), o Autor estuda o Espaço, o Tempo e os Personagens dos cinco livros referidos.

A pesquisa procura demonstrar que José J. Veiga, criando "sociedades imaginárias no limiar da civilização industrial, insere o mito numa conjuntura onde o questionamento da massificação do homem pela máquina e sua sujeição absoluta ao monstro gerado pelas sociedades burguesas emerge das profundezas do tempo numa temática milenar" (p. 5) e encaminha-se "para um único e mesmo alvo: evidenciação e propagação da liberdade" (idem).

A dissertação foi defendida no dia 13 de janeiro de 1978, perante a banca: Vicente Ataíde (Universidade Católica do Paraná) orientador, Celestino Sachet e David Gonçalves.

1.1.11 — Rubem Fonseca

— *Função estética da ideologia em contos de Rubem Fonseca*. Amaline Boulus Issa Mussi, 225 p.

A professora da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, (FESSC, Tubarão) foi buscar em Althusser, em Marx, em Gramsci e em Miriam Limoeiro Cardoso os mais variados conceitos de Ideologia para abraçar a hipótese de que é possível "localizar um discurso ideológico em contos de Rubem Fonseca e que a ideologia, aí presente, desempenha uma função estilizante no "corpus" ficcional delimitado".

A Autora, aceitando uma associação entre Ideologia e Arte, procura construir uma fundamentação teórica seguindo passos de Luiz Costa Lima, Eduardo Portella, Alain Badiou e Antônio Cândido, localiza o discurso ideológico dos contos e a função que este discurso desempenha na estruturação da ficcionalidade, do mesmo modo que o processo se transforma em realidade formal.

No campo das conclusões, Amaline Mussi comprova que "o conteúdo ideológico é recuperado, formalmente, pelo discurso, através da visão do objeto narrado pelo eu-narrador, ao nível do foco narrativo; e através do sentido denotativo em que as palavras são empregadas, de ocorrências morfo-sintáticas e lexicais, ao nível da linguagem".

A dissertação foi defendida no dia 30 de maio de 1980, perante a banca: Edda Arzúa Ferreira, orientadora, Doloris Ruth Simões de Almeida e Anamaria Beck.

1.1.12 — Lygia Fagundes Teles

— *"As meninas": sintaxe narrativa e o tratamento espaço-temporal*. Maria Joana Barni Zucco, 96 p.

O trabalho estuda a sintaxe narrativa e o tratamento espaço-temporal no romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Teles, publicado em 1973.

Uma fundamentação teórica baseada em Gérard Genette, Tzvetan Todorov, Claude Brémont e Roland Barthes fornece o instrumental adequado à análise. Na sintaxe narrativa, a Autora estuda o arranjo dos sintagmas narrativos do discurso para caracterizar as diferentes técnicas empregadas na estruturação do romance. O tratamento espaço-

temporal estabelece um confronto entre a ordem dos acontecimentos na história e no discurso.

Depois de uma revisão bibliográfica, com o levantamento da repercussão diante da crítica brasileira sobre o livro em estudo, a Autora realiza uma rigorosa aplicação dos pressupostos teóricos, dentro da narrativa e dentro do discurso, para des-velar a técnica subjacente ao texto e à diegese dos fatos que atravessa os doze capítulos do romance, “escritos sofregamente, no mesmo ritmo das vidas que narram” (p.35).

A pesquisa chega à conclusão de que “a linguagem, os aspectos e modos narrativos são marcadamente funcionais, uma vez que sua escolha não é arbitrária” (p.88).

A dissertação foi defendida no dia 18 de dezembro de 1978, perante a banca: Edda Arzúa Ferreira, orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart e Terezinha Oenning Michels.

1.1.13 — Os anos 70 -

— *Constantes ficcionais em alguns romances dos anos 70.*

Janete A. Gaspar Machado, 185 p.

O trabalho de Janete A. Gaspar Machado ultrapassa o âmbito de uma formal dissertação de mestrado, onde os pressupostos teóricos e os encadeamentos ficcionais devem casar com padre, escrivão e testemunhas.

Constantes ficcionais em alguns romances dos anos 70, a par de uma análise dos “melhores” livros da década, abre perspectivas para um novo tipo de dissertação universitária: aquele em que a teoria nasce da prática e não o contrário.

Na primeira parte da pesquisa, a Autora esclarece o porquê da escolha dos romances como fonte de pesquisa, ao dizer que vivemos todo um contexto cultural, um processo de evolução cobrando do artista uma atitude de renovação para que se opere a necessária transformação dos caminhos e finalidades da arte em geral e, é claro, do Romance. “O tempo atual, afetado em todas as formas de vida pela contínua evolução/progresso — científico, social — apresenta modificações tão aceleradas que é impossível acompanhar e assimilar. Daí ser compreensível que a Arte se apresente preocupada em arranjar formas adequadas e evidenciar essa crise de valores. As formas tradicionais de narrativa romanesca tornam-se inadequadas, exigindo-se modificações” (p.10).

De cada livro estudado (*A festa*, Ivan Ângelo; *Mês de cães danados*, Moacir Scliar; *Em câmara lenta*, Renato Tapajós; *Os que bebem como os cães*, Assis Brasil; *Cabeça de papel*, Paulo Francis; *Galvez, o imperador do Acre*, Márcio Souza; *Quatro-olhos*, Renato Pompeu; *Essa terra*, Antônio Torres; *Caso Morel*, Rubem Fonseca; *Confissões de Ralfo*, Sérgio Sant’Anna e *Zero*, Ignácio Loyola Brandão) de cada livro, a Autora mergulha fundo na estrutura romanesca e, de lá, consegue trazer para a superfície o desempenho poético da trama e da linguagem. Mas não é só isto. Em cada um dos romances, fica bem nítida a preocupação do seu autor com o compromisso social da Arte, que tanto pode ser o puro campo estético, quanto os campos da Sociologia, da Economia e, principalmente, da Política. Alguns tópicos chegam, inclusive, a nos desinstalar do mundo bitolado em que os

donos do Poder e do Agir não desistem de nos empurrar. Assim, “A loucura como forma de lucidez”, em *Quatro-olhos*, ou “A relatividade dos valores éticos e estéticos”, de *O caso Morel*, são muito mais do que uma simples tarefa universitária: são os novos caminhos que um estudioso da literatura, jovem ainda, começa a apontar para as saídas do beco sem saída em que se afundaram algumas linhas da crítica universitária.

A dissertação foi defendida no dia 25 de fevereiro de 1981, perante a banca: Zahidé Lupinacci Muzart, orientadora, Celestino Sachet e Tânia Regina de Oliveira Ramos.

1.1.14 — Regionalismo literário

— *O regionalismo literário*. Celestino Sachet, 128 p.

O Regionalismo — nos seus mais variados aspectos — ainda é uma constante nas estruturas modernas da sociedade urbanizada que estamos gerando. Esta realidade, contudo, não se faz acompanhar de estudos e análises capazes de descreverem os diversos enfoques de um fenômeno que abrange desde os movimentos políticos das minorias insatisfeitas aos comportamentos psicossociais de personagens em estruturas narrativas da Ficção Brasileira.

Tomando por base vários conceitos de Região e das relações entre o mundo real e o mundo da “realidade” percebida pelo ângulo da ficção, a pesquisa procura realizar uma abordagem das diversas “literaturas brasileiras” percebidas à luz do relacionamento que existiria entre *Região* e *Mito*.

Partindo das divisões regionais propostas por Vianna Moog, retomadas por Afrânio Coutinho, e levando-se em conta os mitos Terra e Água, a regionalidade da Literatura Brasileira pode ser assim considerada:

- Amazônia: Terra e Água, ou Paraíso e Inferno;
- Nordeste: Terra sem Água, ou Inferno sem Paraíso;
- Bahia: o Homem como transubstância da Terra e da Água;
- Os Gerais: Terra e Água, testemunhas-índices da ação;
- A Civilização Caipira: o Homem como extensão da Terra e da Água;
- Gauchesca: a Terra como extensão do Homem.

Para comprovar as características da literatura vinculada às seis regiões típicas de nossa nacionalidade, são analisados os romances mais representativos dos séculos XIX e XX.

A dissertação foi defendida no dia 30 de setembro de 1976, perante a banca: José Curi, orientador, Guilhermino César (UFRGS) e Maria Helena de Camargo Régis.

1.2 — O POEMA

1.2.1 — Cecília Meireles

- *Relações semânticas e vagueza na poesia de Cecília Meireles*. Edson José da Costa, 103 p.

Dividida em duas partes centrais — a investigação do eixo sintagmático e a investigação do eixo paradigmático — a pesquisa se propõe a atravessar a obra de Cecília Meireles desde o livro *Espectros*, (1919), até *Ou isto ou aquilo e poemas inéditos*, (1969) percorrendo os caminhos dos estudos estatísticos.

Depois de realizar um levantamento dos aspectos da obra em verso de Cecília Meireles que já foram investigados e comentados pela crítica brasileira, o Autor se propõe a comprovar que, no Poeta em análise, ocorre “o abandono das formas convencionais de articulação semântica dos vocábulos, no plano do sintagma”, para atingir a vagueza ou instabilidade do sentido (p. 13). Este abandono das fórmulas convencionais é possível vinculá-lo a alguma peculiaridade da organização-semântica que ordena o eixo do paradigma.

A instabilidade do sentido é comprovada através da análise das 3.853 vezes em que o adjetivo aparece compondo as fórmulas: substantivo + adjetivo; adjetivo + substantivo; adjetivo + substantivo + adjetivo. Mil e setenta e uma vezes ocorrem casos de combinação semântica peculiar, “um dos recursos capazes de propiciar a instabilidade de sentido, utilizada sistematicamente na obra de Cecília Meireles, com intensidade relativamente homogênea” (p. 52).

A dissertação foi defendida no dia 31 de maio de 1976, perante a banca: Vicente Ataíde (Universidade Católica do Paraná), orientador, Gilberto Mendonça Teles (PUC-Rio) e Jesus Bello Galvão (Universidade Federal Fluminense).

1.2.2 — Jorge de Lima

— *Uma leitura de "Mira-Celi"*. Elvira dos Santos Sponholz, 185 p.

Partindo da riqueza imagística de *Anunciação e encontro de Mira-Celi*, a Autora se propõe a estudar a “importância da linguagem figurada para a caracterização do fato poético”. E, porque o campo da figuração seria muito amplo, o estudo se restringe “a um dos principais aspectos dessa linguagem figurada, qual seja o da metáfora”.

A dissertação vem estruturada em seis capítulos, com o primeiro se preocupando com a linguagem figurada, com o poema-metáfora e com a metáfora nos seus principais tipos e suas possibilidades. Os demais capítulos são uma aplicação, da teoria exposta, na obra de Jorge de Lima dentro desta seqüência: a metáfora in “strictu sensu”; o poema-metáfora; a personificação; o símbolo e a metamorfose.

O trabalho leva a Autora a concluir que o agrupamento dos poemas-metáfora, segundo o critério temático, demonstra “a predominância do significado de vida sobre o de morte”, redundando na eternidade. E enfatiza a noção dessa eternidade pela intelectualização da “imagem-circular”, o sem-começo nem fim.

A dissertação foi defendida no dia 27 de julho de 1976, perante a banca: Oscar Lermen (Universidade Estadual de Londrina), orientador, Gilberto Mendonça Teles (PUC-Rio) e Lauro Junkes.

1.2.3 — Tasso da Silveira

— *As imagens do Ar nos poemas de Tasso da Silveira*. Roza de Oliveira, 137 p.

A professora de Paranavaí (Paraná) foi buscar no conterrâneo Tasso da Silveira a inspiração e o conteúdo para obter o seu título de Mestre em Literatura Brasileira.

Estruturada em quatro partes, a dissertação abre a pesquisa com uma retrospectiva sobre a vida e a obra de Tasso da Silveira bem como o contexto social e cultural em que o poeta exerceu o campo de suas atividades literárias vinculadas à tendência Espiritualista do Grupo “Festa”. Na segunda parte, a Autora, atravessa a obra de Gaston Bachelard para detectar-lhe a Lei dos Quatro Elementos e o tríplice caráter das imagens. Em seguida, tendo por base o método psicanalítico, a pesquisa determina, nas imagens dos poemas de Tasso da Silveira, a predileção do poeta paranaense: o Ar constituindo elemento que assume relevância entre os demais, por ser o mesmo sonhado em sua leveza, fluidez, verticalidade e desmaterialização que se traduz em silêncio, na união com o infinito, com o mistério que se resume em Deus (p. VII).

A dissertação foi defendida no dia 30 de junho de 1980, perante a banca: Maria Helena de Camargo Régis, orientadora, Celestino Sachet e Alcides Buss.

1.2.4 — Raul Bopp

— “*Cobra Norato*” e a especificidade da linguagem poética. Alcides Buss, 106 p.

A dissertação poderia levar como subtítulo *A engenharia de um poema*, pois, em seu trabalho, o então professor da Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ) mergulha fundo nos mistérios da linguagem poética a partir dos constituintes formais da linguagem e da utilização particular e original dos elementos integrantes de um poema. A tese do Autor é a de que a Poética apresenta uma linguagem específica caracterizada por desvios formais em relação à norma da linguagem prosaica (Jakobson, Ingarden e Jean Cohen).

O poema de Raul Bopp é estudado no seu nível fônico (metro, ritmo, pausa, rima, reiteração, anáfora, aliteração, onomatopéia, ilustração sonora e simbolismo sonoro) e no seu nível semântico (predicação, determinação e coordenação).

A análise comprova o caráter fortemente original e expressivo da linguagem de *Cobra Norato*, “visceralmente associada à busca antropofágica de uma brasilidade genuína, autêntica, vibrante. Esta especificidade representa e procura uma nova significação, essencialmente conotativa, em oposição à tendência denotativa da linguagem comum, “esta, fruto de um status cultural condicionado a interesses de domínio; aquela, meio de libertação” (p. VI).

A dissertação foi defendida no dia 27 de junho de 1978, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Maria Helena de Camargo Régis e Elvira Sponholz.

1.2.5 — Carlos Drummond de Andrade

— *Semântica: um caminho para "Novos poemas"*. José Carlos Cechinel, 127 p.

Em janeiro de 1975, Gilberto Mendonça Teles andou pela Universidade Federal de Santa Catarina. Andou não é bem o termo: o professor da PUC-Rio aqui esteve ministrando um curso tendo como base o livro *Reunião* de CDA. Um dos resultados, a presente dissertação.

A pesquisa está montada em duas partes. Na primeira, uma visão panorâmica dos estudos semânticos mostra as dificuldades do avanço desta ciência que teria em Bréal o primeiro a se preocupar com ela, e em Saussure, Bally, Ulmann, Matoré, Guiraud, Katz e Fodor, Greimas e Pottier os seguidores do mesmo (e diferente) caminho. Em Pottier e Hjelmslev, o estudo vai estar fundamentado para estabelecer a análise do livro do poeta de Itaboraí e para demonstrar que *Novos poemas* está intimamente relacionado com *Rosa do povo* e *Claro enigma*.

Os poemas do livro são vistos cada um de per si com intuito de destacar-lhes o sema pertinente e o sema que está implícito em outros poemas. Tal levantamento permite ver as semelhanças comuns que ligam os poemas entre si, revelados, no caso, pelo arqui-semema.

A dissertação foi defendida no dia 12 de agosto de 1976, perante a banca: Terezinha Oenning Michels, orientadora, Celestino Sachet e José Curi.

— *A morte e a vida em "Fazendeiro do ar"*. Maria Emília Lueneberg, 287 p.

Para a Autora, "Fazendeiro do ar" é um convite à compreensão da poesia de Carlos Drummond de Andrade. E para mergulhar no poema, a dissertação começa se debruçando sobre conceitos tais como A criação Literária, o Mito, a Metáfora, a Metonímia e o Símbolo. Este último vai ser estudado — e aplicado no poema — segundo a teoria de Carlos Bousoño.

Na terceira parte do trabalho, a Autora detecta os temas mais em evidência: a morte, o tempo, a destruição, a vida e a poesia. Esta, em "Fazendeiro do ar", é a canção salvadora, o resgate, o arco sobre os abismos, a unidade perdida, o número de ouro de Orfeu, algo que é preciso encontrar em sua forma verdadeira para reconstruir, unir as partes dispersas, para que o homem seja integrado "numa essência mais pura" (p. 209) e para que ele encontre as raízes profundas, a história do próprio homem, como habitante da Terra e do Mundo.

A dissertação foi defendida no dia 10 de setembro de 1979, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, José Curi e José Carlos Cechinel.

2 — LITERATURA DE SANTA CATARINA

2.1 — A PROSA

2.1.1 — Virgílio Várzea

— *Aspectos do conto de Virgílio Várzea: o tempo, o mito e a metáfora*. Marta Deeke Sasse, 198 p.

Admitindo que a crítica brasileira vê, em Virgílio Várzea, um escritor marinheiro que se impressionou, também, com os valores primitivos de sua terra, a professora de Blumenau quer ir mais fundo na interpretação do autor de *Mares e campos* para desvendá-lhe as técnicas, os conteúdos, a profundidade dos motivos, a unidade e a coerência dos valores observados no decorrer da narrativa. “Como se tivesse delineado previamente modelos e padrões, Virgílio Várzea desenvolve seu assunto sem pressa, qualidade que lhe favorece a sensibilidade na observação do meio ambiente, o gosto pela recordação e a valorização do Universo íntimo de seu personagem — o homem guiado pelas forças da Natureza” (p. VII).

Para comprovar a hipótese de trabalho, a Autora pesquisa e trabalha com um exaustivo estudo sobre o autor e a obra conforme foram vistos pela crítica brasileira a partir de junho de 1884, quando o “Jornal do Comércio louva o talento do autor de *Tropos e fantasias*.”

Na aplicação dos pressupostos teóricos, Marita Deeke Sasse faz uma análise-levantamento dos temas-base dentro de um conto-exemplo de cada um dos livros *Nas ondas*, *Mares e campos*, *contos de amor* e *Histórias rústicas*. Numa análise detalhada das “funções”, do “tempo”, do “mito” e da “metáfora”, a Autora confirma que seu trabalho a colocou em contato com o criador do conto catarinense, “cujo valor não se revelou apenas histórico ou documental no contexto da cultura barriga-verde, mas, sobretudo, literário” (p. 96).

Em longo apêndice ao trabalho, foram resumidos todos os contos dos quatro livros citados e transcritos 41 textos da crítica, sobre o autor e sua obra, publicados na imprensa brasileira entre os anos de 1884 e 1910.

A dissertação foi defendida no dia 22 de outubro de 1980, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, José Curi e Olivo Pedron (FURB, Blumenau).

2.1.2 — Tito Carvalho

— Edição crítica em “*Bulha d’arroio*”. Danila Carneiro da Cunha Luz Varela, 366 p.

A dissertação invade os cansativos (mas gratificantes) caminhos de uma edição crítica, assunto pouco visto (e pouco amado) em nossos cursos de pós-graduação em letras.

Tendo como base o livro *Bulha d’arroio*, de Tito Carvalho, a dissertação se propõe a:

- mostrar os vários estágios de uma “edição crítica”;
- focalizar alguns aspectos fundamentais que envolvem as teorias de uma edição crítica;
- apresentar um estudo sobre o desenvolvimento científico e ao mesmo tempo prático do problema;
- re-estabelecer as diversas variantes do livro, publicado em 1939, mas com alguns contos estampados em jornais desde 1919.

A coleta de dados centrou-se nos jornais “República” (Florianópolis), de 1919 a 1935 e em “O Estado”, também do mesmo período. Foram pesquisadas, igualmente, as revistas “Terra” (Florianópolis), “Santelmo” (Laguna) bem como a “Anuário Barriga-verde” para estabelecer um confronto entre as diversas variáveis lingüísticas, gramaticais, estilísticas e semânticas entre a primeira publicação e a forma definitiva no livro de 1939.

Estabelecida a metodologia do trabalho, as páginas 60-303 realizam a edição crítica dos 16 contos, alguns dos quais, fica comprovado, receberam as mais variadas transformações, comprovando, com isto a preocupação estética de Tito Carvalho.

Por se tratar de um livro com envolvimento regionalistas, a Autora, em apêndice, elabora um glossário das expressões de circulação no Planalto de Lages, onde decorre a ação do livro. Ainda em apêndice, o fac-símile de vários contos conforme foram estampados na primeira publicação.

Com prefácio do escritor Nereu Corrêa, a pesquisa foi publicada em livro, dentro da coleção “Ensaio Catarinenses”, editados pela UFSC.

A dissertação foi defendida no dia 30 de dezembro de 1976, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, José Curi e Glauco Rodrigues Corrêa.

— *Mito e linguagem em “Vida salobra”*. Arlete Koenen, 142 p.

O trabalho, tendo como objetivo a análise do romance *Vida salobra* (1963), de Tito Carvalho, pretende realizar uma leitura calcada no regionalismo literário a partir do estudo do Mito e da Linguagem nele inerentes para atingir a realidade social nos dias que correm.

Estabelecidos os pressupostos teóricos, Arlete Koenen procura aplicá-los, dentro do romance, primeiro, através do estudo da História e do Mito; depois, através do desvelamento da Linguagem utilizada pelo escritor serrano. Dentro do primeiro aspecto, o romance comprovaria “a decadência do patriarcado e a ascensão do proletariado” (p. 62); no segundo, a linguagem, através do símile, denunciaria “o desequilíbrio nas relações entre os que dominam e os que são dominados” (p.84).

Em apêndice, a Autora elaborou um glossário daquelas palavras e expressões “cujo significado é indispensável à boa compreensão do romance” (p. 97-142).

A dissertação foi defendida no dia 5 de setembro de 1979, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Carmen Lúcia Cruz Lima e Elizabette Araújo Lionetti.

2.1.3 — O Grupo SUL

— *O Grupo SUL*. Lina Leal Sabino, 286 p.

Primeira pesquisa, em profundidade, sobre a história do movimento literário conhecido como Grupo SUL, o trabalho de Lina Leal Sabino re-estabelece todos os passos de um grupo de jovens que, entre os anos 1947-1958 trouxe a Arte Moderna para Santa Catarina, nas suas mais variadas manifestações, desde a Literatura e o Teatro passando, igualmente, com força, pelo Cinema e pelas Artes Plásticas.

A adoção do método de registro dos fatos, a partir de fontes originais, começa com o Círculo de Arte Moderna, nascido nas páginas do jornal “Folha da Juventude”, em novembro de 1946 e se fixa, em detalhes, a partir do número 1 da Revista SUL (janeiro de 1948). Os trinta números dessa publicação, mais ou menos periódica, são esmiuçados em seu conteúdo e forma, tentando esclarecer que a fonte motora de toda a atividade do Grupo tinha como base o pressuposto de que “o conceito absoluto das coisas ruiu. Hoje tudo é relativo, é correlato”. (depoimento de Salim Miguel, p. 26).

O volumoso trabalho dividiu-se em vários capítulos para apresentar, respectivamente, o Teatro, o Cinema, as Artes Plásticas. Ao historiar a Prosa e a Poesia do Grupo, a Autora faz uma análise de todos os autores com os respectivos livros (Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Antônio Paladino, Eglê Malheiros, Ody Fraga, Walmor Cardoso da Silva, Élio Ballstaedt, entre outros mais).

Do lado de fora do Movimento, a dissertação foi buscar, igualmente, a longa polêmica entre os “novos” e os “velhos”, entre Altino Flores (porta-voz da Geração da Academia) e o Círculo de Arte Moderna, comandado por Salim Miguel.

O último capítulo é destinado a uma rápida análise da importância da Geração Modernista para as letras de nosso Estado.

Em apêndice, a Autora transcreve a Ata da Fundação do Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna; apresenta um resumo do enredo do filme “O preço da ilusão” e reproduz as entrevistas concedidas por vários integrantes do Movimento: Walmor Cardoso da Silva, Hiedy de Assis Corrêa, Salim Miguel, Ademar Américo Madeira, Élio Ballstaedt, Eglê Malheiros, Jason César de Carvalho e Silveira de Sousa, todos integrantes-fundadores do Círculo de Arte Moderna.

A dissertação foi defendida no dia 20 de dezembro de 1979, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Zahidé Lupinacci Muzart e Tânia Regina de Oliveira Ramos.

2.1.4 — Lausimar Laus

— *Uma leitura metafórica de “O guarda-roupa alemão”, de Lausimar Laus. Vilca Marlene Vieira, 209 p.*

Na fundamentação teórica de seu trabalho, Vilca Marlene Vieira realiza uma conceituação de *metáfora*, a partir da Retórica. Com esse posicionamento, o livro da catarinense (de Itajaí) Lausimar Laus vai ser visto dentro dos planos da Comparação, da Metáfora, a Alegoria e do Símbolo.

Na primeira parte da aplicação, as comparações e as metáforas estão relacionadas com as personagens centrais do enredo; na segunda, o trabalho se preocupa com as metáforas adjetivas, com as metáforas verbais, com as metáforas em aposto com as metáforas sinestésicas e com as metáforas de um só termo. No plano da significação, é dada grande importância ao guarda-roupa — o Kleiderschrank —, o velho móvel caseiro da família Ziegel, muito menos um móvel e mais, muito mais uma soma de ideologias misturadas a um fanatismo capazes de levar o homem e, sobretudo, capazes de comandar as ações da mulher-mãe até as piores e mais graves consequências para uma filha que quer

mudar as velhas e tradicionais normas de comportamento. A alegoria de *O guarda-roupa alemão* está centrada na idéia, segundo a qual, a vida se resume numa soma de ideologias, a partir da formação intelectual e psicológica do indivíduo. E na vida de cada indivíduo, interferem e estão presentes a tradição, as crenças, a raça, os preconceitos, o determinismo, a contestação e, sobretudo, a História e a Filosofia.

A dissertação foi defendida no dia 15 de dezembro de 1978, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Rosa Alice Caubet e Elvira Sponholz.

2.1.5 — Guido Wilmar Sassi

— *Aspectos da narrativa de Guido Wilmar Sassi*. Heloisa Helena Clasen Moritz, 128 p.

A Autora abre sua pesquisa com uma retrospectiva da vida e da obra de Guido Wilmar Sassi; a partir da afirmação do próprio escritor: “a literatura é a interpretação da vida”.

Tomando como ponto de apoio os livros de contos *Piá* e *Amigo velho* e mais o romance *Geração do deserto*, o trabalho procura localizar, nestas obras, os três temas principais da dissertação: a problemática da criança, a literatura do pinheiro e os fatos históricos da Guerra do Contestado.

O enfoque principal do primeiro tema e o título do livro já são um indicativo de seu conteúdo, reside no problema do menor abandonado, das “crianças infelizes”: o menor explorado pelo adulto; a criança doente; o filho incompreendido; o menino sem pai; o adolescente que se torna arrimo de família; a criança rejeitada pelos demais ou humilhada pelos professores; os meninos que aprendem a furtar; as crianças vítimas da miséria e da fome, dos maus-tratos e das desilusões.

Na análise de *Amigo velho*, Heloisa Clasen Moritz des-vela as personagens da trama ficcional todas ligadas “à exploração da madeira, num protesto contínuo contra a situação social”. Todas, criaturas cada vez mais pobres, trabalhando para que os ricos o sejam cada vez mais. “O ambiente é regional, os motivos são regionais, mas a denúncia é de caráter universal pois que é, em sentido mais amplo, um retrato da condição humana” (p. 69).

Com *Geração do deserto*, Guido Wilmar Sassi aglutina dois elementos: o histórico (real) e o ficcional. “E, tão ou mais importantes do que as lutas pela posse do Contestado, nesse romance, são os problemas pessoais que apresentam suas personagens” (p. 100).

A pesquisa conclui que Sassi é um escritor pessimista e que na vida, ficcionada em seu ângulo mais trágico, só há miséria, injustiças e sofrimento. A felicidade não existe e, por mais que lutem, os homens nunca a atingem.

A dissertação foi defendida no dia 22 de janeiro de 1977, perante a banca: Vicente Ataíde (Universidade Católica do Paraná), ORIENTADOR, Gilberto Mendonça Teles (PUC-Rio) e Lauro Junkes.

— *O regionalismo na literatura de Guido Wilmar Sassi*. Lionete Neto Garcia Melo, 203 p.

Os contos de Guido Wilmar Sassi — com a pecuária e a exploração da madeira nos Campos de Lages — junto com o livro *São Miguel* — desnudando a região do Oeste Catarinense, com seus personagens ocupados na extração e com o envio da madeira para a Argentina, correndo pelo Uruguai abaixo — servem de suporte para a análise da professora ligada à Fundação de Ensino do Planalto Catarinense (UNIPLAC, Lages).

Depois de enveredar pelos caminhos da conceituação de *Região*, a Autora procura estabelecer as pontes entre Regionalismo e Literatura, através do estudo do *estar-na-região* e *ser-da-região-sendo-do-mundo*, para concluir que os textos estudados conseguem identificar uma região através de uma linguagem literária que marca a ficção regional de Guido Wilmar Sassi: a simplicidade de um regionalismo catarinense e a grandeza do universalismo humano.

Para o Trabalho, “a partir de um *estar* e de um *ser* localizados em Santa Catarina, Sassi consegue abranger a alma humana de todas as terras e de todos os tempos. Estamos, assim, diante de um autor de Literatura Brasileira, para a qual a crítica deste país ainda não lhe fez justiça.” (p. 195).

Além de caracterizar um tipo de economia apresentado pelo desenrolar da ficção, Guido Wilmar Sassi recorre à individualização de um cenário físico, político e humano marcado por um comportamento e uma linguagem circunscritos a um espaço geográfico.

A dissertação foi defendida no dia 22 de outubro de 1979, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Nereu do Valle Pereira e Vilca Marlene Vieira.

2.1.6 — João Paulo Silveira de Sousa

— *A narrativa de Silveira de Sousa*. Glauco Rodrigues Corrêa, 86 p.

A dissertação se propõe a fazer uma análise das narrativas do escritor de Santa Catarina, publicadas nos livros do *Vigília e a cidade* (1960) e *Uma voz na praça* (1962).

Na introdução do trabalho, Glauco Rodrigues Corrêa justifica o porquê de sua preocupação com um autor com realização literária ainda em andamento, e, em especial o catarinense João Paulo Silveira de Sousa.

Sem a preocupação de buscar pressupostos teóricos em fontes estrangeiras ou já consagradas, o Autor faz uma análise de cada um dos contos que integram os dois livros, atendo-se mais nos aspectos da cosmovisão das personagens do que na estrutura ficcional da narrativa. Depois de se ater no des-velamento do mistério que anima a diegese dos fatos de cada um dos treze contos, GRC encontra os dois grandes temas que se destacam na narrativa da Silveira de Sousa: o tema da solidão e o tema da desesperança numa posição de mútua dependência (p. 72).

Em apêndice ao trabalho, vão transcritas, a título de ilustração, as principais metáforas e expressões, utilizadas por Silveira de Sousa, conotantes dos dois grandes temas de sua contística.

A dissertação foi defendida no dia 6 de agosto de 1976, perante a banca: Vicente Ataíde, orientador, Zahidé Lupinacci Múzart e Edson José da Costa.

2.1.7 — Flávio José Cardozo

— *O trágico na ficção de Flávio José Cardozo*. Maria Felomena Souza Espíndola, 198 p.

A professora da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC. Tubarão) foi buscar no conterrâneo de sua região, — o escritor nasceu em Lauro Müller — um motivo para mais uma dissertação envolvendo a literatura de Santa Catarina.

Dividida em três partes, a pesquisa apresenta, como fundamentação teórica, um conceito de herói trágico a partir de Aristóteles, Nietzsche, Albin Lesky e Nortrop Frye: é essencial ao herói trágico a atitude de consciência de aniquilamento a que a armadilha dos fatos deverá conduzi-lo. Na segunda parte, a Autora, para des-cobrir as técnicas da ficção literária do autor de Santa Catarina, elabora uma conceituação de metáfora segundo as teorias de Le Guern.

Com os dois conceitos estabelecidos, Maria Felomena Souza Espíndola faz uma aplicação dos pressupostos teóricos em cinco contos do livro *Singradura* e conclui que a estrutura trágica do escritor nos apresenta a imagem de um homem mergulhado na inconsciência de sua miserabilidade. Por isto, ele busca, no sonho e nos desejos insatisfeitos, uma forma de libertação. Tudo isto sem desespero e com a sabedoria da dor que o faz assumir a “destruição” como forma de retorno à harmonia do Homem ainda vinculado aos valores da Natureza. Estaríamos, portanto, diante de personagens ainda ligadas aos tempos míticos dos primeiros tempos.

A dissertação foi defendida no dia 30 de abril de 1981, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Zahidé Lupinacci Muzart e Alcides Buss.

3 — UMA TENTATIVA DE ROMANCE

— *Um profeta sem terra*. Norberto Pontel, 159 p.

Partindo de episódios que se desencadearam na zona rural italiana do Rio Grande do Sul, nas ante-vésperas dos tempos de 1964, o Autor realiza uma dissertação de mestrado “numa linha de praticidade criativa”, permeando, no meio deia, os pressupostos da Teoria e da Crítica desenvolvidos no decorrer do Curso.

Se bem que na elaboração do romance, Norberto Pontel se tenha deixado levar pelos “livres” caminhos da ficcionalidade, fica nítido, no decorrer da diegese dos fatos, que, por traz de uma luta pela Reforma Agrária, afloram contrastes ideológicos, contrastes econômicos e contrastes psicossociais. E que existe um importante papel para o artista, nos tempos difíceis desta Sociedade Moderna.

Ao lado dos aspectos político-ideológicos de uma comunidade rural, em tempos de reajustamentos econômicos e políticos, o romance se deixa entremear com dados típicos do imigrante italiano e seus descendentes (canções “dei primi tempi”, dialetos, costumes,

cozinha, religiosidade) e com aspectos caracterizadores da cultura do povo gaúcho (causos, trovas, canções, linguajar, danças, costumes).

Da leitura e da análise do romance, fica evidenciada a linha filosófica de toda a trama: é preciso que se alcance uma sociedade mais justa, uma sociedade fundada pelo trabalho cooperativo — pouco importando as pequenas divergências metodológicas conduzidas por líderes autênticos e, jamais, pela violência física ou psicológica.

Esta experiência de uma dissertação-romance — cujo papel do orientador foi apenas o de indicar o tema e discutir a diegese dos fatos, na sua estrutura e na sua linguagem, foi defendida no dia 23 de dezembro de 1980, perante a banca: Celestino Sachet, orientador, Nereu do Valle Pereira e Tânia Regina de Oliveira Ramos.

* Celestino Sachet, autor do presente artigo é professor de Literatura Brasileira nos cursos de graduação e pós-graduação da UFSC, tem várias obras publicadas, entre elas, *A literatura de Santa Catarina*. Escritor e cronista, ocupa, igualmente, a presidência da Academia Catarinense de Letras.